

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 5

FORTALEZA, 28 DE MARÇO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
O avô—AMPHRISIO.
Contradição—J. M. BRIGIDO.
Roubo de 9 contos—MADEMOISELLE
LE...
O anel—PAPI JUNIOR.
Em pleno azul—ALVARO MARTINS.
Conselho—ANNA NOGUEIRA.
Olhos moleques—PERY.
Sciencias naturaes—RODOLPHO THEOPHILO.
Pelo mundo artistico.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 68000
Semestre 49000

Não se aceitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facondo 54

O AVÔ

De chambre de chita tamancos de couro de gato e um lenço de ganga com uma tabaqueira presa a uma ponta atravessado no hombro direito, erguia-se da rede o velho jãnjão às 6 horas da manhã, em sua fazenda, e dirigia-se para o curral a ver a tiragem do leite, determinar o serviço do campo, voltando logo depois á casa. onde entrava ralhando com a Joaquina, crioula velha gordanchuda, de saia e camisa de algodão e rodilha amarrada na cabeça.

A crioula, que bem o co-

nhecia, ia fazendo o seu serviço, limitando-se a resmungar, e quando passava a crise cantarolava então francamente as suas quadrinhas sertanejas, dando expansão ao seu natural bom humor. O velho azoïnava se porque não haviam feito o café, dava correíadas no andrajoso moleque de encarquilhado chapéo de couro, por demorar se em abrir a porteira ás ovelhas Murmurava contra o Luiz, que, mui preguiçoso e pachorrento, continuava deitado, só se levantando ás 8 do dia.

O velho era viuvo, e o unico filho que tinha era o Luiz, em quem se concentravam todas as ternuras que manavam d'aquelle coração; mas ternuras eram estas a que o Luiz correspondia entregando-se de toda ás distracções da vida campestre; pois que elle só achava prazer em montar o seu famoso rucinho de longas crinias, em companhia de seus camaradas, ostentando seu uniforme de pelle de veado, a correr a traz do gado que parsia pelas escabrosas brenhas d'aquelles sertões. Só voltava com o cair da tarde, impellido antes pelo termo do dia, que pela fome. E era então que n'um momento de raciocinio, vendo o seu cavallo esbofado e picado de esporas, condoia-se do pobre animal e logo mandava banhal-o e dar-lhe o penso, indo em seguida ao espelho notar as

arranhaduras do rosto, que lhe causavam como que uma satisfação, colhendo elle n'aquillo uma certa prova de sua impavidez

Então o velho, que n'essas horas voltava do curral, olhando o rebanho que assomava ao redor da casa, saturando-se d'aquella atmospheria bucolica, chegava, contrahindo os beiços, em pronunciado signal de sua reprovação ás tropelias do filho, e deitava-se n'uma rede que o esperava armada em dois esteios do alpendre. E de braços voltados por detrás da cabeça, que apoiava nas mãos entrelaçadas, e as pernas cruzadas por cima do punho opposto, lastimava de si consigo que o filho não aproveitasse o grande desejo que tinha elle de instruil-o, pois nem ao meaos lia nenhum dos tantos livros que mandara comprar por quanto negociante ia á capital.

Disfarçava a propria magoa, inquirindo aos vaqueiros pelo resultado das campeadas do dia, no que se entretinha até a hora da ceia.

Luiz, fingindo não perceber as contrariedades do pae, fazia-se muito amavel, sentado n'uma cadeira a seu lado e perguntando-lhe futilidades, a que o velho respondia, constrangido por uma transcendencia de bondades que lhe eram innatas.

Um dia em que Luiz havia sahido aos divertimentos e extravagancias, chegou

inesperado, em companhia de um amigo seu, ao mais lento passo do seu rucinho, com um braço fracturado e soffrendo atrozes dores.

O velho via-o de longe, cachimbando encostado á janella de seu quarto, em cuja seja comprimia o peito e apoiava os cotovellos, com a cabeça pendida e sustentada pela mão esquerda, em quanto com a direita segurava o comprido cachimbo.

Luiz, auxiliado por seu companheiro, apeon, fazendo contracções e dando gemidos. Para tirar o gibão, foi preciso partir a manga a canivete, porque o braço não podia dobrar. O Neco, seu companheiro, depois de tel-o auxiliado e accommodado com todo o desvelo, foi, a pedido d'elle, levar o facto ao conhecimento do velho, que apparentou indifferença e respondeu que não lhe causava admiracão. Já achava que tardava. Mas que se arranjas e como podesse.

O amigo de Luiz conservou-se de pé, ouvindo depois o velho ordenar a um moleque que a toda brida fosse chamar o compadre Totonho para vir encanar o braço do Luizinho, ao que acydiu o moço, pedindo ao velho que o deixasse ir em vez do moleque, visto como faria empenho n'isso.

Meia hora depois estava o Neco de volta trazendo o curandeiro.

Ao golpe de sua egua alazã acompanhada de um poldrinho esbaforido, o velhinho, com a sua alva camisa e assuas calças de algodão da terra, punha no chão os pés mettidos n'uns chinelões de sola. Deu os muitos bons dias ao compadre, com o seu chapeo de couro de abas curtas debaixo do braço

e o inseparavel facãozinho atado á cinctura e significou-lhe o quanto vexou-lhe o acontecido.

De caminho para a cama do doente já o facultativo indigena ia indicando á tia Joaquina que fosse preparar sem demora um xarope de mentruz, porque esta herba tem a virtude de ir ter á ferida etc etc.

O Luiz estava sentado na rede com as pernas para o chão, o braço esquerdo dobrado debaixo da cabeça, que tinha reclinada, e o direito abandonado ás dores da fractura. O curandeiro bateu-lhe carinhosamente no hombro, animou-o, e entrou em obra. Em breve tempo, servindo de ajudantes a preta Joaquina e o Neco, estava completa a feliz operação. E não tardou que o operador, tendo enrolado no lenço os velhos patações que o compadre lhe deu para o café, tornasse aos seus lares no galope tungão de sua egua alazã.

O pae visitou o filho depois que sahiu o curandeiro. Não conseguiu dasfarçar a pertubação interior no seu semblante grave. O doente, muito aberto a caricias, respondia-lhe que estava mais aliviado. E d'ahi, na convalescença, entrou a ler, talvez para matar o tedio, talvez para agradar ao pae. O caso é que o Luiz ficou *demudado* como dizia a boa tia Joaquina na sua geringonça de linguagem. Ora lia grammatica, ora os Luziadas, ora a Missão Abreviada, livro muito encarecido por seu pae, e varias outras obras. Depois da convalescença, como que tendo perdido os habitos das anteriores estravagancias, o seu maior divertimento era ficar em casa jogando a bis-

ca e outros jogos semelhantes e aos domingos ir ouvir a sancta missa na povoação com seu pae.

Era que elle, quando estava cabido, fora visitado por sua tia acompanhada d'uma sua priminha, que, sentada quasi por detraz da sua mãe, toda coradinha, com o lenço na bocca, feriu deveras o coração do rapaz. O Luiz recorrendo á intervenção da preta Joaquina, esta obteve da priminha a certeza de que o amava; e assim, pouco tempo depois, realisou-se o casorio, e o antigo peralta assumia a direcção da casa.

Tempos depois vindo o vigario em desobriga, deu estrepitosa gargalhada, vendo o carrancudo major Janjão sentado n'uma cama de pelle de boi, batendo n'uma lata de flandre, todo cahido por um pequerrucho, que se lhe agarrava, na barba hirsuta, nusinho, fazendo por se ter em pé, sem que ainda seus fracos musculos o permittissem...

Quanto mais o vigario visse no dia em que o caduco avô descobriu o primeiro dente do netinho... E apertando-o contra o peito, fazendo-o espirrar com o cheiro do fumo e do torrado que exhalava.

E o velho applicava os labios sumidos na espessa barba, em prolongados beijos sobre as teuras faces do bebé.

AMPHRISIO

CONTRADICÇÃO

(Transcripto)

No jardim fresco e aprazível que está adherido á casinha embalsamada pelas flores, viva e branca como jas-

pe, estavam uma vez dois irmãos, sentados no batente do portão que dá para a estrada.

Um, pequeno, louro, a boquinha corada semi-aberta, apontava para cima, o outro — desses seis annos — pallido, de cabellos negros, a fronte erguida, seguia com a vista a direcção do seu pequenino dedo.

Olhavam para uma borboleta que adejava no volante azul e transparente do espaço, ora subindo e descendo, batendo as ligeiras azas tremulas e douradas, ora voando para os lados, fendendo os ares como uma sylphide.

— Ah! si eu fosse uma borboleta, disse a creança loura.

— Eu não, disse o rapazinho, eu não a queria ser nem um minuto; porque as andorinhas não a poupam. Aquella não escaparia, si porventura uma por alli passasse...

Nisto o vento impelliu o animalzinho volátil que aproximou-se da estrada por onde vinha passando uma mocinha muito linda, coberta de cambraia e de fitas. A brisa soprou com violencia, e a borboleta voou de encontro á face rosada da gentil rapariguinha, onde pousou um momento, como se estivesse a beijal-a.

— Ah! — disse o rapazinho, quasi consigo, fitando-as embevecido — ah, si eu fosse uma borboleta.

J. M. BRIGIDO.

(Da *Gazeta do Norte*)

Roubo de 9 contos.

Acaba de ser perpetrada uma surrupiação de varios contos de subido valor, a

uma gentil menina Temos para nós que se trata de um furto; como, porém, os srs leitores são naturalmente exagerados, puzemos na epigraphe a palavra *roubo*. Outros sim, não garantimos que sejam somente nove contos; é provavel que venham a ser innumerados; dos quaes entretanto o gerente que é uma especie de inspector deste quarteirão litterario está de posse de quatro. Um d'elles vae em seguida a esta noticia de effeito.

Os srs. tenham a bondade de folhear o, de tel-o, de interpretar-o, e estamos certos de que quem possue uns contos de tanta verdade, de tanto doçura, de tanta espontaneidade e pureza, não precisa de mais nada n'este mundo.

Os referidos contos foram furtados á propria auctora, o ladrão nós não diremos, e ella si quizer que dê queixa; pois qualquer que seja a sentença nós appellaremos para tribunal da posteridade.

O primeiro é o seguinte:

*

EM UMA NOITE DA LUAR

Estavamos no sitio denominado S. uma legua distante da capital.

No relógio proximo acabara de soar meia noite

Recostada á janella do meu quarto, eu contemplava embevecida o formoso quadro que se offereceu a minha vista.

A lua, que estava então no seu apogeo, estendia sobre a terra um vastissimo lençol de luz. As estrellas como ofuscadas por tanta belleza, escondiam-se tremulas por tra: das nuvemzinhas brancas que passavam Alguns raios de luar vinham dispersar-se por sobre a superficie

crespa de um pequeno lago que ficava pouco distante da janella.

As lorangeiras plantadas na frente da casa alastravam o terreiro de flores que embalsamavam o ar. O silencio da noite era apenas interrompido por um murmúrio confuso de pequeninos insectos.

Que suavissimas sensações despertava em minha alma aquelle espectáculo arrebatador!

Já se passaram annos e eu me lembro ainda como se fosse hoje.

E como eu era feliz então!

Minha existencia deslisava-se até ali placida e risonha, ao lado dos entes que mais amava no mundo, rodeado de carinhos e das mais puras affeições.

N'aquella occasião não me passava na mente a mais ligeira nuvem de tristeza. Mas de subito o vento da meia noite, soprando com violencia por entre a folhagem dos coqueiros, soou-me lugubrememente aos ouvidos. Estremecei involuntariamente. Aquelle incidente produziu em mim a sensação de um gemido angustioso no meio de um festim.

Pela primeira vez senti o coração opprimido por um sentimento extranho, inexplicavel. Seria um presentimento?

Hoje, que a mão implacavel da morte já tem me roubado alguns d'aquelles seres estremecidos, conservo ainda d'aquella noite uma recordação inextinguevel, e de cada vez que ouço soprar o vento frio da meia noite, sinto invadir-me o coração uma pungente saudade do passado e um vago receio do futuro.

MADemoiselle ***

N. B. — Isso não é um conto, isto é poesia em prosa. O nome d'aquella delicada organização feminina, nós os damos. Mas preferimos designal-o occulto n'aquellas tres estrellas. Elle está mesmo no rol d'aquelles que poderão ser escriptos com estrellas no azul intermino da immortalidade, si a dona quizer proseguir na sua accentuada vocação litteraria.

O ANNEL

(Conto da Carochinha)

I

Nos tempos medievaeis uma princeza,
De antiga estirpe e velha realza,
Pallida e morena,
Habitava o solar dos avoengos,
Uns velhos realengos
Cavalleiros andantes das cruzadas..

O castello, de ameias iriadas
Pelas radiações noctivagas da lua,
Tinha a forma de nuvem que fluctua
Argentada e opalina.
Serpeando as orlas da colina,
Erguia-se o solar,
E na penumbra sombria das arcadas,
Qual nos cantos lendarios, nas balladas,
Vinhão dançar as sombras do luar.

Recurvado, nas dobras do poente
Sahia do solar, alvinitente,
N'uma nesga anilada do espaço,
O secular terraço,
Antiga construcção de antigos lustres
Contornado de fossos e de vallas,
E por entra o gradil dos balaustres
Da ciazza cõr marmorea das opalas,
Fugião trepadeiras
Subtis, emmaranhadas e ligeiras,
Novelladas em ondas de serpentes.

Os perfumes suaves e attraentes,
Tresloucavam dispersos nas campinas;
E um cortejo de lirios e boninas,
Suavemente, á noite,
Em morna calidez, em tenue agoite,
Como um bando de loucos namorados,
Vinhão trazer os collos perfumados
Ao suavissimo, terno e doce abraço
Dos perfumes aspersos no terraço.....
.....e, pelos campos.....
Um punhado de ardentes pyrilampos
Iam subtis, aligeros vagando,
Os negrumes da noite constellan lo.....

II

A formoza Princeza tinha um pagem,
De obscura linhagem
De altivo olhar e fronte scismadora,
(Era estribeiro da real senhora.)
Diziam que era bello e altaneiro.
Tinha plumas recurvas no sombrero
E as vestes golpeadas.
Typo antigo das lendas e balladas,
Erradio cantor das cercanias,
Entre as sombras do luar nas noites frias,
Lyrico e singelo,
Ia cantar umas canções doridas,
Suaves, melancholicas, sentidas
Em torno do castello.

N'uma doce manhã
A morena castellan,
Sentada pensativa no terraço,
Fitava no ridente azul do espaço
Os raios louros da rubente aurora.
O pagem se aproxima e diz: senhora...
... e callou-se.

Fallai, disse a Princeza.
O pagem continuou; mas com firmeza:
Esta noite, senhora tive um sonho,
Tão bello, purpurino e tão risonho,
Que minh'alma inda soffre por sentil-o!
Quercis ouvil-o?...

Dizei, sou indulgente.
Sonhei que vos amava loucamente,
E que, juntos em nuvem vaporosa,
Como pet'las unidas de uma rosa
Iamos alem, risonhos e suspensos,
Aos paramos azues, fundos, immensos,
Fazer co'as rubras gazes do arrebol
Um ninho ardente nos beiraeas do Sol!...

Mas depois...
Veio a descrença lúrida, penivel,
Atirar-me nos antros do impossivel!...

Mate-me este sonho; mas senhora,
Vós que tendes os labios cõr d'aurora,
E a alma feita dos brilhos das estrellas
Acceitae dentre as flores mais singelas
De meu siderio amor,

Este penhor,
Si não quereis que eu caia fulminado
No abysmo aberto e fundo do vallado!...
E erguendo o braço
Deixou cahir-lhe na onda do regaço
Um pequenino annel.

Jamais serei cruel!
Disse a Princeza: fica entre meus dedos
A lembrança fatal de teus segredos!
Ide-vos.
Elle partio levando o desconforto
Do Deus pungido que morreu no Horto.

Mas a noite em seu leito perfumado,
Cheio de seda, gazes, e brocado,
A hora em que o luar corria incerto
Na sombra das arcadas encoberto,
A Princeza escutava pensativa,
Tremendo como treme a sensitiva,
As volatas penosas
Que vinhão de bem longe, dolorosas,
Como um echo dorido do passado
Do pagem namorado

III

Mas o tempo passou. Em uma tarde,
Em que tudo se abraza e a terra arde
Ao sopro fulminante das nortadas,
Do solar descerram se as portadas
Para sahir lusidia comitiva
Ia n'ella a Princeza,—fronte altiva,
Olhar profundo, pallida e morena,
E achegando se ao pagem; mas serena
diz-lhe:

Adeus! ...

E na setinea mão, pequena e delicada,
N'aquella mão tenuissima de fada,
Não se via luzir por entre os dedos
O anel fatal, o escripto dos segredos
Do pagem fulminado.

No horizonte cahia o sol doirado,
E pouco a pouco, a noite densa escura
Punha trevas profundas na espessura
Qua a lua tateava.

E nas grimpas que o abysmo levantava
Entre os fossos profundos do vallado,
De pé, sombrio, o pagem deslumbrado,
Nas trevas do lyrismo errante e cego
Via mysterios no insondavel pego.

Veio a manhã, a luz, a claridade

E com o ridente azul da immensidade
Umás notas plangentes, insonoras,
Laivos de sangue nas lucidas auroras.....

Vierão novas flores p'ras campinas,
Outras manhãs formosas diamantinas.
A luz, o sol, os lirios, os perfumes,
Novo luar e novos vagalumes,
Prados risonhos, bosques veridentes
Tudo voltou em bandos surprehendedentes!
Mas baldado!!...

Jamais reapareceu nas cercanias
Entre as sombras do luar nas noites frias
O pagem namorado!.....

PAPI JUNIOR

Ceará, 2 março 88.

EM PLENO AZUL...

(A MEU IRMÃO AUGUSTO MARTINS.)

E' doce contemplar os esplendores
Pestas olympicas manhãs cheirosas,
Em que os lirios gentis e as brancas rosas
Derramam sobre a terra os seus odores.

Em que do arvoredado entre os verdores
Cantam aves de novo; e, harmoniosas,
Enchem as selvas de cauções ruidosas,
As canções maviosas dos amores.

Vamos, senhora, percorrer a trilha
Destes campos em flor, onde já brilha
Da primavera o divinal sorriso...

Nestes dias é doce amar, querida,
Porque para os que amam nesta vida
O mundo é um verdadeiro paraizo.

ALVARO MARTINS

Ceará - 1888.

CONSELHO

A Affonso

Esquece, esquece o mal que te pungia,
Canta e sorri pela existencia a fora,
Longe de ti todo o pezar de out'ora,
Não queiras mais a dor que é tão sombria!

Bebe o prazer, o vinho da alegria
Na luz celeste que te vem da aurora,
Ouve a canção suave e tão sonora
Que as aves cantam ao romper do dia

Canta tambem... e vai pelas estradas,
Irás gozando as brisas perfumadas,
Ouvindo alem dulcissima canção

Olha, ao grande contacto da natura
Foge o pranto, o pezar, a dor escura,
Canta alegre e festivo o coração.

18 de Março--88

ANNA NOGUEIRA.

OLHOS MOLEQUES

(DAS CECILIAS)

Os moleques dos teus olhos
deram tal troça nos meus,
que estes, fugindo, nos folhos
entraram dos seios teus,

Mas proseguindo a contenda,
teus olhos de amor armados
arrancaram d'entre a renda
os meus olhos malcriados!

E travou-se desta sorte
uma luta desigual...
— Combate de vida e morte!
— Uma batalha campal!

Tal que apartei-os por medo,
por... prudencia habitual...
que do excessivo brinquedo
— baixassem... ao hospital.

PERY.

SCIENCIAS NATURAES

OS VOLCÕES.

A noite havia cahido e
encontrado-me no alpendre da
vivenda em minha cadeira
de descanso á digerir es-
tupidamente o jantar.

Como é encommodoum es-
tomago dyspeptico!

Emquanto eu na mais in-
toleravel apathia fazia o tra-
balhoso chimo da ultima re-
feição, minha companheira
já tinha passeado na horta e
colhido tomates e cenouras.

O trabalho muscular nada
influiu em sua digestão!

Voltando do passeio elle sentou-se a meu lado e olhando para leste entretinha-se com as linguas de fogo vomitadas pelo forno de uma olaria vizinha.

O fumo em nuvens, espessas elevava-se do espaço e de quando em vez uma labareda subia, como querendo acompanhar ás regiões ethereas o vapor que o calor subtil fizera.

—Olha o forno da olaria como vomita fumo e fogo, meu amigo. Se fosse com vezes maior seria um espectáculo sberbo. A luz de suas chammas illuminaria um espaço de muitas leguas.

—Seria um volcão, mas inoffensivo.

—E o que são os volcões!

—Conductos que atravessam a parte solida do globo, ou crosta terrestres, e levam a atmosphera as materias incandescentes do centro da terra.

—E o centro do globo não é solido como a sua superficie?

—Não. A crosta da terra sobre a qual habitamos com 50 kilometros de espessura pouco mais ou menos cobre um oceano de fogo, um oceano de materias incandescentes e liquiefeitas pela fuzão.

—E a terra foi sempre assim?

—Ella passou por um periodo igneo, isso é houve um tempo em que toda a sua massa formava um globo de fogo que ardia no espaço.

—Mas a Biblia não diz isto?

—Nem tambem diz o contrario. A criação do mundo em seis dias, não se deve entender dias, mas epochas. Uma das epochas foi o periodo de fuzão ignea, um dia que durou seculos!

Completa a cambustão, fundidas todas as materias entrou a terra no periodo do resfriamento. Solidificaram-se as primeiras camadas, ficando envolvidas por uma tenue crosta as materias ainda abrazadas

Algumas substancias como o silicato de alumina, difficilmente fuziveis, começaram a mudar de estado, a se solidificar, graças a perda de calor, perda essa devida ao calor emittido para o espaço. A terra era como vimos um globo de fogo envolvido n'uma camada espessa de vapores. O abaixamento da temperatura a superficie do globo havia permittido a materia de tomar o estado solido, agora ella pela maior cohesão de suas moléculas separadas, era intermediaria de dois oceanos fluidos um de vapores rodeiando o globo, outro liquido mas em ignição no centro do mesmo globo. A geologia está de accordo com a Biblia. *No primeiro dia, diz ella, creou Deus o ceo e a terra. Mas a terra estava vazia e involta em trevas e coberta de aguas profundas.*

E disse Deus; «Haja luz» E houve. Era justamente o estado da terra, vazia, pois a vida era n'ella impossivel: coberta d'agua, pois os vapores haviam com o resfriamento da crosta se resolvido em chuva desaparecido o ceo occupado por uma atmosphera propria á vida organica, transparente e accessivel a luz que pela primeira vez chegava a terra.

—E quem pode afirmar que a terra foi uma esphera de fogo e que ainda hoje em seu seio existe fogo?

—A geologia prova isto de um modo irrecusavel.

Basta o simples estudo das rochas que constituem a crosta terrestre para ficarmos convencidos de que a criação da terra teve um periodo igneo. Quanto ao calor do centro do globo estão ahi os volcões, os tremores de terra, as fontes thermaes, o crescimento da temperatura a proporção que caminhamos para o centro da terra para provar a luz da evidencia, que existe fogo no seio da esphera terrestre.

—E' grande o numero dos volcões?

—Existem talvez duzentos em todos os continentes, como valvulas de segurança abertas pelo Creador afin de prevenir grandes cataclysmas.

—O que pode prevenir um volcão?

—Grandes desordens a superficie do globo. Imagina o centro da terra em perfeita ignição, materias abrasadas a ferver, gases a se produzirem, e tudo isso em um espaço hermeticamente fechado e fechado por uma parede de kilometros de espessura como é a crosta terrestre.

Mas se é forte a massa de rochas que a forma, mais forte é o gaz, o gaz na quantidade de muitos trilhões de trilhões de myrialitros, cuja força expansiva encontrando um obstaculo venceria-o determinando o arrebetamento da crosta terrestre.

—Mas faria uma ruptura parcial?

—Isso depende do volume do gaz e da rezistencia do obstaculo á vencer. Podemos considerar as erupções dos volcões como cataclysmas parciaes e agentes preventivos de um cataclysmo geral. Para provar que elles previ-

nem males maiores é preciso que saibas os prodomos das erupções volcanicas.

Os volcões são precedidos de tremores de terra mais ou menos violentos; o solo eleva-se muitas vezes em um vale apparece uma montanha. As convulsões continuam e um bom dia no cume da montanha apparece um pequeno monte de forma conica, cuja eminencia abre-se em um orificio de maior ou menor diametro e chamado *cratera*. Formado o volcão e aberta a cratera são por ella vomitadas do centro do globo, gases, materias fundidas e incendiadas.

—E os volcões estão sempre em actividade?

—A erupção, pois é chamado assim o periodo de actividade do volcão não é cõntinua. Mezes e annos se passam sem que um volcão dê signal de vida. A erupção é entretanto annunciada não só por tremores de terra como por detonações mais ou menos fortes no seio da montanha.

O perigo é eminente para os seres vivos que por imprudencia ou ignorancia ouvindo os primeiros signaes de alarma não se afastam d'aquelles sitios. Cessam as convulsões do solo ao mesmo tempo que da boca da cratera um vomito enorme de uma materia incendiada viscoza sahe e derrama-se pela montanha abaixo alagando o valle como uma inundação de fogo. Emquanto a lava carbonisa no valle os seres organisados que encontra, no espaço uma chuva de cinzas, de pequenos fragmentos incendiados, semelhantes ao fogos de artificio mata os seres vivos que encontra em sua passagem. A vida desaparece em poucos

instantes d'aquellas paragens aniquilada pelo incendio, que tudo desorganisa.

Quaes são os volcões mais importantes?

—Na Europa, o *Hecla*, o *Vesuvio*, o *Etna* e o *Stromboli*; na Africa os da ilhas Canarias e Bourbon; na Asia, Kamtchattca; na America os do Mexico e dos Andes.

—E o calor central da terra só pode ser provado pela existencia dos volcões.

—Pode tambem pelo augmento de temperatura que notamos todas vezes que caminhamos para o centro da terra. As variações de temperatura observadas em diferentes pontos do globo, devidas a climas e estações deixam de se fazer sentir a uma fraca distancia no interior da terra. A media de nossa temperatura é 25.º centigrados, mas a 25 metros de profundidade na terra as variações acuzadas á superficie do solo pelo thermometro no inverno e verão ahi não se fazem apreciar. As experiencias tem provado que a partir da superficie para o centro do globo o thermometro centigrado sobe um grão de 33 em 33 metros. Estã pois provado que o augmento de calor de um grão por 33 metros dá em resultado na base da crosta terrestre uma temperatura superior a dois mil grãos, temperatura mais que sufficiente para fundir todos os corpos conhecidos.

—Nas zonas frigidias o calor central deve servir muito aos seus habitantes, não é assim?

—Instinctivamente os habitantes dos polos o aproveitam. Os esquimaus, infelizes condemnados á habitar um solo de gelo procuram nas profndidades da terra

a immunidade contra um clima que os obriga a uma vida desprezível de animaes inferiores.

O relógio havia muito tempo dado nove horas, as palpebras somnolentas se fechavam, havia chegado o tempo de reparar as perdas do organismo durante o dia com o somno e nos recolhemos para dormir.

Alto da Bonança. Setembro de 1887.

RODOPHO THEOPHILO

Pelo mundo artistico

Em fins do corrente mez apparecerá em volume, no Rio, o *Inferno, da Divina Comedia* tradução terminada em 1882 pelo fallecido poeta José Pedro Xavier Pinheiro.

É uma tradução muito adstricta á forma de Dante, e talvez a melhor em portuguez.

Alberto Nepomuceno, nosso antigo correspondente artistico no Rio, só estará aqui para 10 de Abril.

Deve ter iniciado uma serie de concertos em um dos theatros da cõrte.

Uma revolução na arte de pintar.

O sr. Lacaze, pintor, acaba de descobrir um processo que fixa o *pastel* sem nada lhe fazer perder da sua frescura e do seu colorido.

A sociedade de *pastellistas* franceza, decidiu em sessão de 11 do passado, adoptar e patrocinar oficialmente o novo processo.

Guy de Maupassant dirigiu ao *Gaulois* uma carta em

que protesta energicamente contra os cortes e supressões que a redacção do *Figaro* fez a um seu estudo sobre o romance moderno, estudo ali publicado Guy de Maupassant declara que vae intentar uma acção contra o referido jornal.

« Não é o procedimento inexplicavel do *Figaro* no que me diz respeito—acrescenta o romancista—que me decidi a intentar acção contra elle, mas o desejo de mais uma vez fazer proclamar o direito absoluto que tem todo o escriptor de defender a sua ideia, seja qual fôr o seu valor, de quaesquer *tripatouillages* possíveis.»

Segundo lemos em uma folha, Coquelin, o celebre actor francez, anda ha mezes em peregrinação, tendo chegado até Constantinopla, onde, ao dizer da imprensa, foi litteralmente *crivado* de condecorações.

De volta da capital turca, deu uma representação a bordo do *yacht* do grande milionario americano Vanderbilt. Os espectadores eram unicamente o sr. e a sra. Vanderbilt.

Esta recita foi paga ao artista francez pela *modica* quantia de 6:000\$000.

Gounod vai escrever uma nova opera com o titulo de «Carlota Corday». O poema, imitado do drama de Ponsard, é de Ennery e Silvestre. A nova composição do maestro do «Fausto» será cantada em Paris, em 1889. Os principaes interpretes, designados pelo maestro, serão a cantora Hauss e Talzac.

«Bonheur conjugal», de Valabrégne, acaba de obter

um successo doido no Havre, onde fizeram á celebre comedia, uma das mais brilhantes do moderno repertorio francez, uma estrondosa ovacão

Hippolyte Rollot acaba de publicar um novo volume de versos com o titulo: «Les chants de la vie». O author tem recebido as mais significativas cartas dos primeiros escriptores francezes: Augier, Claretie, Daudet, Zola, Bourget, Pailleron, Cladel, Sully Prudhomme e Luiz Ganderax, que escreveu ao poeta: «A sua poesia é a que eu esperava ha doze annos.»

Zola, o grande e admiravel naturalista da «terre», esta escrevendo um romance moral, penetrado de idealismo. O romance do chefe da escola naturalista é dedicado á filha do editor Charpentier.

Madame Hector Malot é a autora do novo romance «Folie d'amour», vibrante de modernismo e de requintada sensibilidade, reflectindo, com um estranho poder de intuspecção, as lutas, os sentimentos, as angustias de um coração, profundamente apaixonado.

ANNUNCIOS

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos. Compram sempre ouro velho e moedas.

CEARA

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

Motta Vieira & C.

88—Major Facundo—88

FORTALEZA

Importadores e exportadores

LIBERTADORA

48—Rua da Boa-Vista—48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus frequentes com rigoroso esmero conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES. Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense, especialmente das Exm.^{as} Sras. Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poucado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N.º 6

FORTALEZA, 16 DE ABRIL DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
Apontamentos esparsos — JOSÉ CARLOS JUNIOR.
Olhos moleques — JOSÉ MARTINS.
O rapto — PEHY.
A hora da coalhada — AMPHRISIO.
Folhas soltas — IZA.
O natal — MADEMOISELLE ***
A paixão — GIL BERT.
Homenagem — JANE DAVY.
Teu olhar — ANNA NOGUEIRA.
Noite de amor — ALVARO MARTINS.
Os quinze dias — J. L.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 6\$000
Semestre 4\$000

Não se accitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

Apontamentos esparsos

No ultimo artigo publicado sob esta epigrapho procurou-se indicar uma falta, que parece notavel, nos ensaios de romance naturalista feitos no Brazil até hoje. Os nossos litteratos que cultivam o naturalismo, em geral, assimilam as formulas de Zola ou dos Goncourt, penetram-se do seu estylo e applicam-se em applical-o a qualquer facto, qualquer thema, o primeiro que appareça, preocupados somente em que a litteratura brasileira possúa obras naturalis-

tas, ou antes livros escriptos á imitação de Zola ou dos Goncourt. O que absorve, o que preoccupa inteiramente o espirito do autor é a personalidade litteraria do mestre. Parece que ao pintar um scenario, ao desenvolver a acção, o pensamento de escriptor é menos o assumpto de que se occupa, do que a formula, que o mestre empregaria naquella caso.

Não é razoavel entretanto querer-se que o naturalismo inglez, ou allemão, ou turco seja completamente vasado nos mesmos molde que o francezes; os mais radicacs, os mais intransigentes serão forçados a convir n'isto.

Por maior que seja o grau de perfeição a que chegue o romance naturalista inglez, ha de ter muita cousa de George Eliot, o allemão muita cousa de Freytag, o russo muita cousa de Gogol, isto é, de particulamente inglez, allemão, russo, máo grado as influencias reciprocas das litteraturas, mais ou menos intensas conforme a idiosyncrasia de cada autor.

No Brazil, porem, o naturalismo foi importado da França, todo feito e armado com todas as peças; é uma planta exotica, e é isto que constitue o principal defeito dos nossos romances modernos.

Quando foi publicádo o artigo, a que se refere este

em seu começo, acabava de apparecer, no meio de uma nuvem de encomios, *O Homem* de Aluizio Azevêdo. Não quizemos ainda então occupar-nos desse livro, aguardando mais calma e seria manifestação da opinião publica á respeito. Em toda parte elle foi acolhido como verdadeira e perfeita manifestação da escola naturalista. Sejam-nos permittidas agora algumas observações sobre elle.

O Homem é um romance cosmopolita, universal. Pelo seu thema faz lembrar *L'accident de M. Hébert* de L. Hennique, ou a *Morte de Ivan Iliitch* de Tolstoi, aproximando-se porem muito mais do primeiro, isto é, do romance puramente physiologico ou antes pathologico.

No livro de Tolstoi a doença, a lesão physica de um organ é apenas indicada, entretanto, tão obscuramente quanto a pode entrever o proprio doente, e o thema do romance é a psychologia desse doente desde as primeiras manifestações da molestia até a morte; essa lesão influe no espirito do enfermo, porem indirectamente; é a noção da molestia, a idéa da morte e as que d'ahi nascem o que produz a perturbação nos pensamentos, uma concepção nova do mundo e das cousas, as extravagancias no proceder. O leitor vê pelos olhos do doente e não pelos do medico.

Em *Germinie Lacerteux*, dos Goncourt, o mal physico só se revela pelos seus effeitos, dete minando as acções da paciente, subjugando a cada instante a rasão; nada de anatomia, de dissertação physiologica.

E' exactamente o contrario que se da com o discipulo de Zola. Aqui é o medico expondo *ex-cathedra* a origem e o desenvolvimento da molestia de Mme Hébert e essa molestia, embora occupe larga parte do livro, pouca alteração traz ás funcções psychicas do personagem encarregado de soffrel-a.

No romance brasileiro as perturbações mentaes são resultado immediato e directo da molestia, são a propria molestia em si, e o estado psychologico da doente, fóra dos accessos, por muito tempo não soffre alteração alguma, porem as observações pathologicas occupam no livro um lugar bastante amplo.

Mas onde elle se distancia mais dos outros, que citamos, é neste ponto que no de Tolstoi a psychologia morbida é o centro, em torno do qual circulam episodios da vida intima e da vida publica dos funcionarios russos, observações, estudos palpantes de realidade, pormenores triviaes, tornados epicos sob a sua admiravel penna; o de Goncourt está, *mutatis mutandis*, no mesmo caso; no de Hennique, a doença é por sua vez um episodio em um quadro de costumes burguezes na França; no do Sr. Aluizio porem a doença é tudo, condição e objecto do romance. O Brazil apenas entra alli com os nomes das localidades. Muda-se a scena para Madrid, Baltimore, Buckaresti, Mos-

cou e ella será igualmente verdadeira. A hysteria é de todos os paizes, e as regiões ideaes, onde se desenvolve a parte *sonhada* da acção, e em que o auctor emprega o seu grande talento descriptivo, colorindo-as com as bellezas e riquezas indigenas, por isso mesmo que são sonhadas, não podem representar a natureza tal qual a nosso ver deve ser comprehendida por um escriptor naturalista.

Primeiro expliquemo nos, pois que o auctor só permite a leitura de seu livro a «quem tiver idéas bem claras e seguras a respeito do Naturalismo.»

Por não serem exactamente as mesmas do eminente escriptor, não deixam as nossas idéas de ser firmes e accentuadas.

Entendemos que a Natureza para o escriptor naturalista só pode ser considerado sob um aspecto, é o da influencia que exerce sobre o homem, como uma das determinantes, já do seu caracter, já de tal ou tal acto ou volição, já deste ou aquelle estado particular do seu espirito.

O homem está sempre a reflectir em suas determinações, em suas velleidades, em suas emoções a influencia de um objecto de uma coisa, muito insignificante as vezes, do que o cerca, do que cae debaixo dos seus sentidos.

Em uma obra naturalista, uma ligeira particularidade relativa ao estado do céu, o vento, um som longinquo ou proximo, um fundo de paisagem, indicada rapidamente, em uma phrase, no meio do dialogo ou da acção, representa um modo de ser particular nas idéas ou nas

emoções do personagem.

A natureza é sempre um factor..

Aluizio o sabe muito bem; o casarão sombrio da Tijuca e a athmosphera das igrejas representam bem o seu papel no romance, mas a natureza tropical e a vegetação da ilha imaginaria nada absolutamente importam ao desenvolvimento da acção. Creação de uma phantasia morbida, producto em vez de factor, ellas só adquirem importancia nas ultimas paginas do romance, na recordação dolorosa das venturas gozadas em sonho.

Seja-me relevada a ousadia de discordar do eminente litterato e de seus amigos; a descripção daquellas paragens é muito naturalista para um producto daquella imaginação de moça doente, é muito refina-la para representar as influencias da natureza tropical, herdadas ou recebidas na infancia da protagonista.

Em summa esse importante romance apresenta bem caracterizado o defeito que dissemos existir em todos os ensaios naturalistas brasileiros, isto é ser extranho á sociedade propriamente nacional, não ser um estudo do caracter brasileiro.

E tão longe do autor do *Homem* andou a idéa de fazer um quadro de costumes brasileiros que, alem de ser absorvida pela pathologia uma grande parte do livro, quasi todos os seus personagens pertencem a uma sociedade exotica. A Justina, o Luiz, os outros operarios e suas familias pertencem á colonia portugueza, fallam, obram, pensam como portuguezes, bem isolados da gente do paiz.

Não deixará por isso de

ser um livro excelente, util e fazer época na litteratura brasileira; admiramos o talento de Aluizio e entendemos que *O Homem* deve occupar logar honroso na galeria dos nossos melhores romances mas fazemos votos para que os novos cultores do naturalismo esforcem-se por dar um cunho mais accentuado de nacionalidade ás suas obras, e explorem a mina, quasi virgem, dos nossos costumes populares e do interior.

JOSÉ CARLOS JUNIOR

OLHOS MOLEQUES

(AO PERY)

Conheço uns olhos bregueiros
como ninguém imagina.
Pequenos... Uns petroleiros
incendiando a rotina.

Travessos, maliciosos,
ferinos como punhaes,
são uns olhos perigosos
como inda não vi iguaes.

Malcriados, insolentes,
—uns olhos muito atrevidos,
que alam desejos ardentes
nos corações adormidos.

As cores ferem lampejos
de rubras scintillações;
Lembram-me vaias de beijos
e pedradas de canções.

São patifes, carbonarios,
que atiram dardos certeiros.
Uns olhos incendiarios,
uns olhos arcabuseiros.

Matam rindo. São demonios
de tentações e traçaças.
Si nos contemplam risinhos
meditam nas arruaças.

Fazem jogos, pantominas,
correm, voam, delirantes,
como as creanças fransinas,
como os passaros volantes.

Mas, quando menos s'espéra,
d'aquella rutila chamma,
sae, como d'uma cratera,
a *farpa* d'um *epigramma*.

No entanto são tão bonitos,
tão lindos são os *ladrões*,
que lhes perdão os *delictos*
e adoro as *malcriações*.

12—abril—88.

JOSÉ MARTINS

O RAPTO

(CONTO A IZA)

Nos paços onde as galas da riqueza
derramam-se entre os lustres e os chrystaes
e as sedas e os setins orientaes
vestem os mouros de senhoril nobreza;

Ella vivia—um anjo entre os mortaes.
Seu perfil de poetica duqueza
casava-se ao fastigio de princeza,
nos olhares de affectos fraternaes.

Um dia, ante os seus subditos mais cheros
abriu um bello escriptorio, o seu thezouro,
onde guardava os diamantes raros.

Mas um genio do mar, fulgente e leiro
arrebatoa-a, emquanto elles, avaros
se arrojavam tremendo ao cofre d'ouro.

PERY.

A hora da coalhada

Vergado sobre um grosso livro que tinha aberto na minha carteira somnava enfiadas parcelas de algarismos, quando entrou a chuva. O sol, atravez do espesso e plumbeo veu que tomava a tela concava e incomensuravel do infinito azul, abandonava-nos uma luz parda e deslustrosa. Estava escuro. Gotejavam imperinentes pingos sobre o livro. Eu me via privado de proseguir no trabalho, mas hesitava em levar a penna á orelha e a mão ao queixo, porque o patrão, silencioso e carrancudo, conservava-se em sua banca a ler as gazetas do dia, em quanto eu apostrophava de mim para mim:—Ah vna goteira n'aquella cabeça!...

Momentos depois era satisfeita a minha vontade, não com a desejada goteira, mas com ligeiras lufadas que o acoassavam borrifando lhe as costas e fazendo-o logo retirar-se.

Dissipada a minha perturbação pela ausencia d'elle, n'aquelle momento tão pertinente, abandonei-me

descuidoso na minha cadeira, esta companheira muda e paciente, com as costas voltadas para a carteira, que me sustinha da melhor vontade.

Esta laseira momentanea descortinou-me á imaginação o panorama das paragens de meu lar. E o que eu via!...

Velho casarão, enfrentado de uma latada musgosa, que se erguia no cimo do magestoso comoro, cuja face, revestida de baixa e densa relva, alongava-se ondulante ao olhar contemplativo que eu entornava, sentado no toro estendido na extremidade do dilatado pateo, ao calor benefico d'um sol sorridente e aos galanteios d'uma brisa que toda festiva me vinha trazer os perfumes sugados aos bosques floridos que logo alem se erguiam.

Desvelado este painel que mãos humanas não profanaram, eu me via ao cair da tarde, quando o sol puchava vagorasamente do pino das montanhas os seus ultimos raios, deitado á porteira do curral, tendo por colchão as bastas e macias hervas, olhando as vaccas que penetravam

aquella prisão com suas tetas recheiadas e amoráveis mugidos, aos invocativos berros dos filhos.

Depois chegava dando rabidos urros e inchando o seu dorso athletico o impavido touro, este gigante das nossas selvas, olhando hostilmente para o intruso novilhote que mui acobardado tratava de fugir e isolar-se n'um canto do curral.

Chegava a noite. Ao som das festivas orchestrações dos sapos e á luz jovial d'um foguinho de gravetos collocado n'uma telha, no centro do terreiro, eu ouvia os animados dialogos dos vaqueiros, contando uns aos outros os episodios das campeadas e indagando pela vacca careta, a egua alazã de chucalho fino, o boi liso bargado, o cavallo castanho escuro, passando em seguida a perguntarem pelas sortes que esperavam tirar, até que em fim chegava a hora da saborosa coalhada.

E como soava bem aos ouvidos dos vaqueiros a voz da mulata que os chamava para a ceia! Pressurosos se dirigiam para a grande mesa de cedro coberta de alva toalha de algodão, provida de formidáveis tigellas d'aquelle excellente manjar, que elles, depois de cobrirem d'uma camada de farinha de mandioca e outra de rapadura, devoravam com grande avidéz, lamentando apenas que houvessem botado pouca nata, ao que a mulata respondia desfazendo-se em cacocles, «que assim lhe ordenara sua senhora, pois que precisava da nata para fazer manteiga,» no que obrava ella muito bem, porque só com a manteiga e o queijo de sua excellente fabrica supportar-se-ia os seis mezes compri-

dos como uma sentença de prisão com trabalho, que tinham de passar sem o leite e a coalhada.

E foi justamente quando á noite, lá na rustica vivenda, chegava esse momento, que o relógio do escriptorio, mui pachorrento e fanhoso, annunciava dez horas do dia, e a criada chamava-nos para o almoço.

Em grave silencio, com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos das calças, dirigia-me para a mesa com meus companheiros, ferido d'urna saudade, e que saudade! — saudade de meu sertão!

AMPHRISIO

PAGINAS SOLTAS

CONTEMPLAÇÃO

(A PERY)

As jangadas aproximam-se da terra como um bando de garças, que, baixando sobre o mar o sereno vôo, tocam de leve as aguas com as brancas azas rentes com a onda azul.

Ao longe, entre os coqueiros, vê-se uma mimosa casinha branca e, no galho da frondosa mangueira do pateo, um canoro sabia modula as saudosas endechas da tarde.

E lá — adorável e travessa, com as suas roupas brancas e os loiros cabellos soltos, corre, na polida praia, saltitando garrula. Um eterno sorriso paira lhe nos labios vermelhos, setineos como petalas de rosa. A mãosinha *mignone* levanta descuidosa as saias, deixando apparecer atravez das alvissima rendas o mimoso artelho de uma bem torneada perna.

E, assim, começa a brincar com as ondas que ora avançam pressurosas á beijar-lhe os pésinhos ágeis e travessos, ora recuam queixosas da caprichosa moça.

Nesse alegre brinquedo ella continúa até que, uma vez, a onda victoriosa molha-a de branca espuma; então retira-se cançada e vai repousar languidamente n'um pequenino comoro.

Assim, pensativa, os olhos, azues como o céu que se deslinda no horisonte, fitam-se n'um ponto ideal, ao longe, muito longe, onde sua alma eleva-se scismando, na doce contemplação de desconhecidos mundos, em quanto, na praia, as vagas soluçam de braços, procurando em vão, na prateada areia, as pegadas queridas, da adorável ondina.

(Do *Libertador*) IZA.

O NATAL

Por toda parte onde chega a luz da fé, festeja-se com jubilo a noite do Natal.

E' a festa de todos, do rico e do pobre, do grande e do pequeno.

Não ha palacio nem choupana que não transborde de alegria.

Por toda parte se ergue o tradicional presepe com suas fontes e lagos artificiaes, com seus rebanhos de ovelhas e suas casinhas brancas, onde se representam poeticas scenas pastoris. No centro, rodeado de flores e de luzes, acha-se o divino Infante reclinado sobre um leito de palhas.

De um lado a sagrada familia contempla-o em doce arrebatamento; do outro, pas-

tores e camponeses ajoelhadas lhe offerecerem presentes, que Elle parece agradecer com um sorriso de amor.

Ao longe, guiados por uma pequena estrella dourada, apparecem os tres Reis Magos.

Um anjo suspenso do tecto segura em uma das mãos uma tira de papel com estas palavras :

—Gloria a Deus e paz aos homens !

Eis o presepe com suas risonhas e graciosas imagens.

O presepe de Belem ! Que assombroso mysterio encerra aquella pequena gruta ! Ali começou o drama estupendo que terminou no Calvario.

Um Deus humanado !

Quem pode conservar-se indifferente ante tão sublime rasgo de amor ?

O proprio atheu, que faz ostentação de sua incredulidade, sente-se profundamente commovido deante d'este quadro singelo e arrebatador.

Approxima-se a hora da missa do gallo. Os campanarios atroam o ar com repiques. As egrejas abrem-se resplandescentes de luzes, de flores e de galas. O povo entra em grupos no meio do bulicio e confusão geral.

Restabelecida a ordem, começa então a verdadeira festa, a festa do santuario. A voz do sacerdote, umida aos seus meliodiosos do organ, sobe de envolta com os rolos de incenso até ao throno do omnipotente.

O Natal ! Quem não se sente alvoroçado n'esta noite festiva ? Todos os corações se desatam em jubilo. E' a festa das creanças, dos moços e dos velhos. E' a festa da familia.

MADemoiselle ***

A PAIXÃO

D'aquella varanda ella assistia perfeitamente ás ceremonias. E' verdade que ali por ser mui alto, sentia-se toda aquella calidez encommoda, todos aquelles effluvios do corpo humano viciando o ar e subindo invisivelmente a enrubecer lhe a tez e a perseguir lhe o nariquinho afilado mas por isso mesmo estava constantemente a agitar o seu grande leque de seda, que affastava-se e approximava-se do seu coração como uma enorme borboleta negra.

Havia claridade pouca, sufficiente porém para o livro da semana santa poder espelhar-lhe no olhar calmo e profundo e innocente as carreirinhas de types muito negrinhos no papel branco.

Todavia, a fallar verdade, aquellas palavras não podiam despertar-lhe idéa alguma, visto como em um só peito não se podem abrigar dois amores ao mesmo tempo, pela lei physica da impenetrabilidade.

E assim, descansava o olhar, que era o vehiculo por onde o seu espirito mais se impressionava, percorrendo vagamente o grande todo do templo. Tudo era vendado.

A vidraçaria pintada do côro impregnava de pallor os lados do immenso vulto escuro do organ. Os cantores, de preto, arrumavam-se entre os fieis que invadiam o recinto a elles reservado, e nem o pavilhão do ophedele brilhava com o seu reflexo de arame.

De um lado, ali no côro, muito no sombrio, agglomeravam-se em ordem as educandas do collegio, e via-se o chapeo branco das irmãs

de caridade, como grandes aves que querem voar. A ordem superior de varandas, bilateralmente, estava repleta; e a inferior, com os seus balaustres brancos e o seus coreto de linhas de cadeiras ascendentes.

Era como n'um theatro em que houvesse enchente a cunha.

As grossas columnas da nave pareciam acaçapar-se ao peso das paredes altissimas.

Grandes veos negros encobriam as duas capellas collateraes.

Nas aras ardião velas de cera de um amarello sombrio e crú, em castiças pretas, e cada nicho estava transformado n'uma janella escura.

O doirado das obras de talha destacava-se apenas, bordando o custoso emoldramento dos altares, como uns longinquos lusimentos mundanos.

Lá dentro da capella-mór as janellas de varandas auri-brancas estavam penumbreadas. Do enorme panno que tocava no tecto e erguia-se ao fundo do templo sentia-se baforar toda aquella escuridão que se equilibrava no ar, e dilatava-se por todos os cantos. O marmore roseo do arco da capella-mór, abria um iris sobre aquella nuvem negra ; e lá no tapete multicolorido, os padres uns de batina e sobrepelliz de rendas, outros de alva e casulas côr do sol, disiam segredos em voz alta, ora paravam, ora iam, ora vinham, ora assentavam, mysteriosos, vagarosamente, lendo em grandes livros, queimando incenso, e soltando para o espaço, como aves negras, umas após outras, as notas tristes do canto-chão. A fumacinha como prateada

do incenso perdia-se logo.

Algumas vezes punham a mitra, depois de beijal-a, sobre a fronte encanecida do diocesano, e este levantava-se com o seu rico cajado de ouro. Aparecia as vezes com o seu roquete de finissimo bordado, com a batina roxa, e a sua murça que lhe dava uns ares reverentes, e o seu grosso trancelim com a cruz cravejada cahindo sobre o peito, e o seu anel de esposo da igreja; ás vezes com pesadas capas de rei, com purpura e arminhos; ás vezes com a longa santidade das vestimentas pontificias.

Mas o sentimento dos fieis não estava geralmente para esse recinto dos sanctus sanctorum, para o symbolico erudito das ceremonias, para a piedade do acto. D'entre aquella multidão a mais não poder, com o espirito lia-se os espiritos na direcção ou no vago das pupillas, na attitude dos ouvidos, nos labios em sorriso, em conversação, ou em recolhimento, na fronte, no porte, no todo compungido ou desfarcado, religioso ou mundano.

Da capella do Sacramento ouvia-se o bater de um martello, ensurdecido, acolchoado, e de quando em vez a rangedeira abafada de uns passos cautelosos. Naturalmente, preparos de novas ceremonias.

Granhiam os pesados gonzos de uma larga porta sumida n'um dos corredores, entrando ou saindo alguém, e um jacto de claridade franca e diurna despejava-se pela egreja. Depois voltava o escuro.

Nas altissimas janellas da nave, que dão para cima dos telhados, o dia salpicava apenas pela fimbria dos tristes veos pretos, e ornava de estreilos os buraquinhos do panno. Pedacinhos de claridade ca-

hiam esfarinhados na parede. () organ as vezes mugia, ás vezes ballava, ou soluçava e gemia, acompanhado pelo violoncello, pelo ophicleide, pela flauta, e pelo delgado violino penetrante, sob o grosso esvoaçar das vozes dos cantores.

Era uma provocação desabrida para as lagrimas.

E emfim, no pulpito suspenso na parede cujo caiamento parecia repassado do esfumilho, appareceu o padre. um rapaz gordo, alvo, risonho, fazendo muito por tornar-se carrancudo, com as largas mangas de seu roquete cahindo sobre a toalha que arrodava o corpo da tribuna.

Virou-se para o santuario e persignou-se largamente.

E depois, com as duas mãos nas bordas do pulpito, debruçando-se para o auditorio, começou, alto e pausado e vibrante:

Et inclinato capite... tradidit spiritum!...

E toda aquella multidão destribuida a apinhada pelos corredores, pelas varandas, pelo côro, pelo corpo da egreja, pelo pé dos altares, por todos os cantos prestou olhos e ouvidos.

O pregador se destacava bem. Um pouco acima de seus cabellos crespos ficava o alto da porta, ornado de um frontão que despedia um aureola, como um sol desabrochando. O corpo da tribuna findava em uma mançaneta, para baixo, como um cacho de uvas de ouro atado a ponta de uma cortina. E todos olhavam para cima, e o padre continuava na placidez da sagrada eloquencia.

De quando em vez sahia-lhe como um raio tremulo, como uma faisca electrica entre os rebordos das nuvens acla-

rados e escurecidos momentaneamente.

E proseguia a chuva abundante da palavra de Deus.

Como a terra ensopa com o inverno e faz nascerem as sementes no agreste, assim as almas estremumbavam, acordavam, e mettidas no sombrio, na luz coada, no morno, despertavam da carne peccaminosa e esterilizada...

Em dado momento, appareceu nas mãos do pregador uma tela dependurada, um lençol branco, e n'elle estampada a imagem de um homem despido, com uma toalha nos rins.

E em lagrimas, n'um tremalo crescente, a mão vacillante, cheio de dor, o padre murmurava choroso:

«Eil-o, eil-o o vosso pae, o vosso amigo, o vosso irmão, o vosso Jesus... eil-o... assim maltratado, assim golpeado... Esta cabeça cheia de sciencia, rasgada por uma côroa de espiuhos; este coração fonte do amor, atravessado por uma lança; estes joelhos que só se sobraram para levantar os mortos e curar os enfermos, descarnados até os ossos; estas mãos repassadas de divino effluvio, esmagadas barbaramente por duros cravos; estes pés que palmilharam sobre as ondas, conjuntamente arrepeitados e arreventados por um cravo dilacerante; estes hombros... estes hombros, vede-os christãos, vede os, como ficaram ao peso da cruz... vede-os...

E a mor parte dos fieis soluçava... Já não se via aquelle continuo e embastido movimento de leques pela superficie da multidão. Ouvia-se um guincho de uma mulher nervosa e o assoar do bemdito muco do choro santo...

Sentia-se uma consternação inexprimivel.

Eu ajoelhava prostrado ante a divina figura do Mestre e o meu olhar trespassava-lhe também o coração fonte do amor. Misero peccador, sumido na multidão, quizera que me visse, que soubesse que eu lhe quero bem. E parecia-me de seu peito cair o sangue tão puro e verdadeiramente como cabiu no Calvario. Eu tinha vontades de lhe gritar— Eu te amo porque tu soffres!

Entretanto, senti que no coração d'elle também outro olhar estava abrigado. e quasi o meu espirito, que lá estava pergunta:— Que quereis?

E quasi o outro olhar me pergunta o mesmo.

Inquirimo-nos entretanto, conjunctamente:— Aqui não é a fonte do amor?

E as duas almas, feitas uma para a outra, encontradas lá dentro do coração de Jesus, disseram-se:— Bebamos pois, da fonte do amor! ..

O padre continuava, mas nós não entendiamos. O meu corpo inanne cahia cada vez mais sobre os joelhos, n'uma adoração profundissima. E do sudario desaparecera o Jesus sanguinolento, para pintar-se ella com o seu vestidinho preto e as suas pulseiras de ouro. a olhar-me para meu coração soluçante.

O padre me apontava era para os seus labios mudos de sentimento, e para sua fronte livre de pesadumbres. E gritava-nos:— Amai. arrepedei-vos do tempo perdido...

E eu apertava o meu peito com as duas mãos.

E adormecido, entorpecido, ignorante, alheio, tomado de dor e de ventura, ouvi as ultimas: palavras: *et tradidit spiritum...* e entregou o seu espirito.

GIL

HOMENAGEM

A ANNA NOGUEIRA

Não te corre nas veias delicadas
O sangue azul da fatua realesa,
Nem te cerca o prestigio de grandeza
Que enaltece as cabeças coroadas;

Desconheces as regras variadas
De etiqueta—requite da nobresa.
Nem preferes á doce singelesa
Um que vives as côrtes decantadas.

A teus pés não se curva a multidão
Para beijar-te a pequenina mão,
Quando passas incognita e sosinha;

Mas, sendo, como és formosa, e bôa,
Tens uma bella e fúlgida corôa,
E vales muito mais que uma rainha

JANE DAVY.

TEU OLHAR

Ao divino fulgor das alvoradas
A's estrellas inquietas luminosas,
Ao puro lyrio, ás delicadas rozas,
A' frescura das relvas perfumadas.

A's borboletas meigas e doiradas,
Volitantes, alegres, caprichosas,
Aos solfejos das aves maviosas,
Da casta pomba as azas prateadas,

Ao céu azul, sereno e radiante,
Ao claro sol de maio fulgurante,
A' branca luz virginea do luar.

A' tudo isto que o universo adora,
As rosas, lyrios, aves e aurora,
Prefiro a doce luz do teu olhar.

ANNA NOGUEIRA

NOITE DO AMOR

(A JOÃO LOPES)

Era uma noite clara, esplendorosa,
Sobre as nuvens rosadas do Oriente
Erguia a lua a fronte luminosa;

Como um beijo de luz idealizado,
O luar estendia-se dormente
Atravez do ambiente perfumado.

Cantavam rouxinôes nos arvoredos,
E das folhas o brilho avelludado
Fallava-nos d'incognitos segredos.

Os insectos e as larvas rastejantes,
Na espessura dos antros tenebrosos,
Gemiam delirantes,
Na luxuria dos beijos venenosos.

Os rebanhos dormiam e os pastores
E as serpentes nervosas sensuaes,
Dormiam sobre as flores,
Na corolla dos lyrios virginaes.

Scintillavam no espaço os vagalumes,
E das rosas os luridos sendaes

Exalavam castissimos perfumes.

Gemia o mar, ao longe, nos rochedos
E a nortada batia tristemente
Na cupula florente
Dos frondosos, tranquilos arvoredos

Na haccia dos lagos crystallinos
Reflectiam se os riscos luminosos
Das estrellas, dos astros peregrinos.

Perpassavam no ar—harmoniosos
Os murmurios, ethereos, inspirados,
Dos infinitos mundos radiosos...

E, das grutas dos montes perfilados
Surgiam como sombras vaporosas
A legião dos sonhos encantados

Que vozes ternas e mysteriosas
Ouviam-se no espaço illuminado!
Esse lago sereno e povoado
De barquinhas—estrellas luminosas.—

Das campinas—a lurida ramagem—
Bracejavam-se os galhos mais frondosos
Aos bafejos d'aragem:

E do cume dos montes alterosos
Desciam fios d'agua reluzentes,
Como encarnes serpentes,
Atravessando os alcantis fragosos.

.....
.....
.....
.....

Nós seguíamos então silenciosos
Atravez dos esplendidos sendaes
Como sonhos de amor mysteriosos.
Saudavam-nos os alvissimos rosas
E os fragredos dos montes alterosos
Gigantes e collossaes...

Lançavam-nos olhares curiosos.
Da immensa solidão,
Os lagos transparentes, de crystaes,
E a cadeia dos astros luminosos,
Suspensos d'amplidão...

Geará—1888.

ALVARO MARTINS.

OS QUINZE DIAS

Não é preciso arregalar tanto os olhos, o espantado e paciente leitor.

Lá porque uma pessoa passa quatro quinze dias sem dar um ar de sua graça, que é muita, louvado seja Deus, não é motivo para você fazer essa cara de quem vio alma do outro mundo. Salvo si pensava que eu tinha cahido na petetice de morrer e agora supõe que venho pedir umas tantas missas que me refresquem (salvo seja) contra os

ardores das caldeiras de Pedro Botelho.

Não vim, ha muito tempo, é certo, alegrar estas columnas votadas á chroniquice meio grave meio risonha, que dá á *Quinzena* o tom boulevardeiro, que lhe assenta muito no pensar de alguns, que não lhe assenta nada no entender de outros, em menor numero, felizmente. Mas nem por isso devem os que bocejam fradescamente á musica de minha prosa, considerar *sede vacante* o logar que occupo aqui, em attenção ás virtudes, merecimento e mais partes que concorrem na minha pessoa. Antes, pelo contrario...

E agora, dadas as desculpas de estylo, chroniquemos *Os Quinze dias*.

Chronista' que se preza deve começar a desempenhar-se de suas obrigações fallando, com solemnidade de conselheiro Acacio, da calamidade periodica com que a *natura mater* apraz-se em flagellar esta muito heroica terra da luz, banhada pelos verdes mares bravios, patria indiscutivel de *Iracema*, berço controverso de Camarão.

A secca teve a amabilidade de adiantar sua visita annunciada para 1892 e apresentou-se nos antes mesmo da commemoração centenaria da revolução franceza.

Veio ver si o patriotico e zeloso governo de sua magestade o rei intinerante e doente tinha feito alguma cousa contra ella; veio espiar em que estavam as obras dos açudes de Quixadá, Lavras e Itacolomy; que adiantamento levava o prolongamento da via-ferrea de Baturite. Verificando por seus proprios olhos que a terra... perdão, que o inverno frio ha de comer, que

os ministros brasileiros e os deputados cearenses são os seus melhores amigos e nada fazem que possa ser-lhe contrariedade, embaraço ou decepção, a secca resolveu aboletar-se aqui, onde demorar-se-á o tempo que Deus for servido e ella bem tratada.

E faz muito bem a secca

Tirante das apprehensões causados pela falta de chuvas, ingratidão collossal desta ceo azul, trancado como o segredo de um crime, a população passa perfeitamente bem e ostenta alma grande de sobra, para dar e vender a quem por ahi a tiver pequenina e rachitica, amofinada, anã e reles.

Prova:—o monumento Tiburcio, inaugurado no dia 8 com as solemnidades festivamente patrioticas ou patrioticamente festivas, que o *Libertador* contou tim tim por tim, na sua qualidade de organ official dessa homenagem a Tibucio, como o saber de todas as ideias boas, nobres, sadias e elevadas.

A festa inaugural da estatua levantada á memoria do soldado—philosopho, amigo de seu amigo, devoto de sua patria, escravo de seu dever, é na minha pouco auctorizada, mas intrometida opinião o testemunho mais eloquente, mais solemne, do vigor sempre crescente e cada dia mais firmemente accentuado, da alma enorme deste povo eleito.

E d'aqui, d'onde contemplo com igual admiração a magestade da estatua, em seu pedestal de marmore eterno, e a imagem multiforme do povo, enthronada na sua magnanidade e soberania imperecivel, saúdo a immortalidade da glória e a immortalidade da justiça da historia.

Festas acabadas musicos a pé.

Tal e qual, por occasião dos festejos inauguraes do monumento.

Voltando a cidade ao costumado *farniente*, á pasmaceira que tanto aborrece, uma leva consideravel de familias das mais distinctas e mais apreciadas nos nossos centros sociaes partiu para o velho mundo.

Foi o 2.º e ultimo successo da quinzena.

Provavelmente ficou muita gente arrumando as malas para seguir o mesmo destino brevemente, attrahida pelos esplendores da exposição de 1889.

Vão e sejam felizes, emquanto nós ficamos por aqui arranjando soccorros para os retirantes que nos batem á porta pedindo pão e trabalho

J. L.

ANNUNCIOS

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos
Compram sempre **ouro velho** e moedas.

CEARA'

70—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO

DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 7

FORTALEZA, 3 DE MAIO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
A formula psychologica $x = \lg.y$
—R. FARIAS BRITTO.
O nosso progresso — ANTONIO BEZERRA.
A' A. Bezerra—XAVIER DE CASTRO.
Nessum maggior dolore... — A. N.
Gostos — JOSÉ MARTINS.
Impressões dispersas — MANOEL CEZAR.
Romancite—DOMICIO DA GAMA.
O luz de ouro — FRANÇOIS COUPPEE.

Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 6\$000
Semestre 4\$000

Não se accitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 34

A formula psychologica $x = \lg.y$

Lange estabeleceu o seguinte :

« Entre os ensaios mesquinhos de uma futura psychologia scientifica, se acha uma proposição que nos ensina que nos limites habituaes a sensação augmenta com o logarithmico da extação » E' a lei de Fechner que se costuma representar algebricamente pela formula $x = \lg.y$. Para que se tenha portanto uma idéa da moderna comprehensão dos phenomenos

psychologicos, é indispensavel dar uma noção ainda que imperfeita da psychologia de Fechner, isto é, da psychophysica.

Nós apenas conhecemos sobre esta materia a obra de Ribot sobre a psychologia allemã contemporanea; não pode pois deixar de ser muito incompleto o presente trabalho, visto como apenas poderemos fazer o resumo de um resumo. Em todo o caso ser-nos-á util, não somente fazendo-nos ver questões da maior importancia, mas ainda encaminhando-nos para a solução de um problema que temos em vista estudar com perseverança.

Antes de tudo convem observar que uma cousa caracteriza os trabalhos psychologicos de Fechner; é a ausencia de toda e qualquer hypothese metaphisica. « Nas buscas, diz elle, só se ligam ao lado phenomenal do mundo phisico e do mundo psychico, isto é, ao que nos é dado immediatamente pela percepção interna ou externa ou ao que pode ser concluido dos phenomenos; em uma palavra : estudamos o que é phisico como o fazem a phisica e a chimica, e estudamos o que é psychico como o faz a psychologia experimental, sem procurar debaixo dos phenomenos a essencial alma ou do corpo como o faz a metaphisica. » Se algum principio serve de base a suas doutrinas, é o mes-

mo que proclamam os representantes da eschola experimentalista de Inglaterra:— « a opposição entre o corpo e o espirito não vem senão de uma differença de ponto de vista : o que de facto é uno, parece duplo. » E' assim que Fechner estabelece: « O que do ponto de vista exterior te parece teu espirito, o espirito que tu és, do ponto de vista exterior te parece o *substratum* do corpo deste espirito. » Por outra, para empregarmos a expressão de Herbert Spencer e Bain, o corpo é sob o ponto de vista objectivo a mesma cousa que o espirito sob o ponto de vista subjectivo.

Vejamos agora em que consiste a psychophysica.

« Eu entendo por psychophysica, diz Fechner, uma theoria exacta das relações entre o corpo e a alma e de uma maneira mais geral entre o mundo phisico e o mundo psychico. » As sciencias objectivas, isto é aquellas que têm por objecto a natureza exterior, desde muito, formularam suas leis de modo regular e uniforme e formando por assim dizer uma esphera dentro da qual podem livremente girar, acham-se « em via de progresso continuo. » Não acontece, porem, o mesmo ás sciencias do espirito, creadas quasi exclusivamente pela imaginação e inteiramente sem fundamento na realidade. E' preciso reagir contra a influ-

encia das velhas doutrinas que a logica da experiencia ja condemnou, e tratar com todas as forças de dar um direcção regular ao estudo dos phenomenos subjectivos : e para isto é preciso começar estudando as relações entre o subjecto e o objecto. Tal é o problema que constitue o objecto da psychophysica : vejamos como foi explorado por Fechner.

Ja antes de Fechner, Weber havia observado que comparando-se duas linhas quasi iguaes, a menor differença que se pode perceber entre ellas é sempre cerca de $1/50$ da menor; assim tambem a menor differença perceptivel entre dous pesos varia de $1/30$ a $1/50$ segundo os individuos qualquer que seja o peso inicial. Generalizando estas observações Weber chegou a conclusão de que as sensações crescem de quantidades iguaes quando as excitações crescem de quantidades relativamente iguaes » E' a mesma lei formulada por Delbœuf, desta outra maneira : « A menor differença perceptivel entre duas excitações da mesma natureza é sempre devida a uma differença real que cresce proporcionalmente a estas mesmas excitações. »

Taes foram os elementos que serviram de base aos trabalhos de Fechner : foi d'ahi que Fechner partiu para se propor a solução do seguinte problema; achar um meio de medir as sensações.

Sem duvida bastará esta simples exposição para que muita gente se revolte, como se tratasse, nada mais, nada menos que de aniquilar o mundo. Medir as sensações, dirão, medir as sensações, como se as sensações fossem uma cousa phisica, material,

e susceptivel de ser medida ! Onde iremos parar se chegarmos a ser adoptadas semelhantes doutrinas ?

Em verdade é extremamente estranhavel o procedimento de certas pessoas, alias pertencentes a uma escola que acima de tudo colloca o principio da tolerancia. Affastam-se inteiramente do espirito fundamental das doutrinas de que se fazem propagadores e revoltam-se de uma maneira injustificavel contra qualquer idéa que não se harmonise com os seus sentimentos, ou antes com os seus interesses. Pouco importa que esta idéa seja apresentada de boa fé e unicamente por amor da verdade. Traz o cunho da demolição, é uma novidade que vae de encontro ás ideas bebidas no berço : deve morrer. E' uma tempestade que se levanta : deve ser cuidadosamente cortada como uma invasão do inferno.

Homens de pouca fé, porque tendes medo ? Pensaes que exista algum poder capaz de sobrepujar a verdade ? Pensaes que uma falsa doutrina possa embaraçar de maneira invencivel a marcha natural de espirito, que o erro tenha poder para transformar a humanidade e o mundo ? Onde está a providencia que admittis ?

Aqui não se admite a providencia, mas tem-se a convicção de que o mundo é regulado por leis immutaveis e portanto que tudo terá de ir inevitavelmente a seus fins em virtude da marcha necessaria das cousas.

Convencidos da nossa fraqueza, deixamo-nos arrastar pela onda que sobe, sem tentar reagir alem dos limites de nossas forças. Conhecemos as difficuldodes enormes

que nos rodeiam e estamos perfeitamente convencidos da insignificancia dos nos recursos.

Sentimos que o espirito gira dentro de uma cadeia de ferro cujos limites não pode absolutamente romper.

Comtudo não temos medo. Estamos ligados á natureza e não podemos de modo algum dominar-a, sentindo que uma corrente invisivel porem soberana nos arrasta para um ponto desconhecido.

Quando, como Prometheu, procuramos elevar-nos ao espaço afim de roubar o fogo do ceo, uma força invencivel nos prende as agruras da rocha. Todavia temos coragem. A par de nossa fraqueza temos consciencia de que participamos da essencia do mundo e de que por consequencia, como elle, somos tambem immortaes.

Mas vós porque tendes medo ? Receiaes perder o vosso guia moral, temeis que se destrua uma concepção social que consideraes a mais bella, que até agora tem sido a fortaleza de vossas almas, o alimento de vossas consciencias ? Homens de pouca fé, o ideal a que se dirige o espirito humano, vae sempre subindo. Depois de uma crença vem outra, e cada conquista realisada no dominio do pensamento é o ponto de partida para uma conquista mais elevada. O espirito não pára. Receiar que a sociedade pereça a linguagem de ideal é desconhecer a natureza do espirito. O espirito não cança e como o mundo de que é a manifestação subjectiva, é inesgotavel e eterno.

Voltemos porém á nossa questão, Tratando de resolver o se-

guinte problema : achar um meio para medir as sensações. Todas sabem qual é a condição necessária para que se possa medir um objecto qualquer. Mede-se um objecto comparando-o com outro da mesma natureza e de valor conhecido : é este ultimo que em linguagem mathematica se chama unidade. O resultado da comparação é que determina o valor ou a quantidade da grandesa. No caso das sensações o que antes de tudo se faz necessario, é descobrir um objecto que possa ser comparado com ellas. isto é, que possa servir-lhes de medida ou unidade. Fechner descobriu esse objecto : é a excitação.

Sabe-se que toda a sensação é um phenomeno nervoso, mas esse phenomeno nervoso não poderá ter logar sem uma causa exterior que o produza : é a essa causa exterior a que sedá o nome de excitação. A sensação deve augmentar ou diminuir de intensidade conforme o grau de movimento exterior que serviu-lhe de causa ; é evidente, por exemplo, que um pequeno ponto luminoso não poderá produzir a mesma sensação visual que um incendio. Em que relação porem deve a sensação augmentar ? Tal é a questão.

Convem antes de tudo notar que ha uma diferença fundamental entre a medida das extensões e a medida dos factos psychicos. Nas extensões o effeito serve para medida da causa; nos factos psychicos, porem, é a causa que serve para medir o effeito.

Fechner submete a uma apreciação minuciosa todas as ordens de sensações, as sensações de peso, de esforço muscular, de temperatura, de

luz etc.. São tres os methodos de observação em relação a essa materia : o methodo das menores diferenças perceptíveis, o methodo dos casos verdadeiros e falsos e o methodo dos erros medios.

O primeiro methodo consiste em observar quando se torna perceptivel a diferença de intensidade entre duas sensações da mesma natureza. Exemplo; tem-se o peso a e o peso b ; admittindo-se que esses dous pesos são iguaes, as sensações por elles produzidas são tambem iguaes. Augmentando-se um dos dous pesos de uma quantidade muito pequena, ainda não se notará diferença. Qual o ponto de onde se começa a sentir a diferença ? Eis o que procura saber a psychophysica. E' o mesmo em relação a todas as outras ordens de sensações.

O segundo methodo consiste em considerar duas sensações da mesma natureza quasi no mesmo grau de intensidade. Pode o observador enganar-se; e sendo por exemplo $a < b$, pode acontecer, si a diferença é muito pequena, que elle supponha $b < a$. É evidente que quanto maior for a diferença menor será o numero de erros. Obtem-se assim pela comparação de duas sensações da mesma natureza uma relação constante.

O terceiro methodo finalmente consiste em determinar por meio da balança um peso qualquer e buscar depois sem a balança e só pela sensação um outro que lhe pareça igual. Em geral o segundo caso differe do primeiro de uma diferença que varia conforme o grau de sensibilidade de cada um e que tambem determina a menor diferença perceptivel entre duas sensações. Obtem-se assim sommando os erros positivos e os erros ne-

gativos, e devidindo o total pelo numero de tentativas, o erro medio.

« Estes tres methodos, diz Fechner, se completam e levam por caminhos diferentes aos mesmos resultados. O primeiro serve para determinar a menor diferença perceptivel. O segundo dá diferenças que excedem a menor diferença perceptivel caindo ora nos casos verdadeiros, ora nos falsos). O terceiro dá as diferenças que estão acima. »

R. FARIAS BRITTO

(Continúa)

O NOSSO PROGRESSO

Cerca de vinte annos atraz mais ou menos, poucos, bem poucos dos nossos compatricos, residentes na provincia, se dedicavam a estudos de litteratura, e ainda menos a especulações scientificas.

E' certo que para aqui regressavam alguns bacharelizados pela academia do Recife, mas estes quando muito faziam do direito o alvo de suas locubrações, impellidos pela necessidade de salientarem-se na advocacia, si antes, preferindo a carreira da magistratura, não iam para o interior depreciar-se pela indolencia e identificar-se mesmo com a ignorancia dos seus jurisdicionados.

Apezar da invariabilidade desta regra, de quando em vez surgia aqui ou alli uma nobilissima excepção.

Quanto aos outros, os que não tinham a sagração academica, mas despunham de aptidão para as letras, definhavam à mingua destituido, eu dedia antes mais acertadamente, do aprego de entendidos em assumpto tão elevado, e bem cedo descoroçados deixavam-se levar na onda invasora.

Só um ou outro mais pertinaz dava de quando em quando signal de vida na imprensa, mas sempre despercebidamente.

Eu que do Rio e S. Paulo trouxera um pouquinho dessa ancia de saber, communicada pela convivencia de talentosos condiscipulos, tive de ceder ante a indifferença geral, máu grado o desesperado esforço que empreguei para congraçar os poucos que liam, pode-se assim dizer

O mal era geral.

Com Juvenal Galeno, José de Barcellos, Catão Mamede e Dr. Augusto

Barbosa, em cuja casa nos reuniamos aos domingos, tentamos e vimos com tristeza avultarem as dificuldades na criação de um jornal litterario, que servisse de centro, onde se agremiassem os moços intelligentes e com disposições para as letras.

Não se encontrava assignantes e muito menos leitores.

Recorremos a idea de fundação de uma bibliotheca e a bibliotheca teve a sorte do jornal.

Como ultimo recurso lembrou um dos companheiros a vantagem de instituir-se uma associação, com o fim de serem discutidas theses sobre diversos assumptos, o que foi bem accedido; mas não chegou a realisar-se por falta de frequentadores, e, como devia acontecer, despersaram-se os associados cada um para o seu lado.

Não obstante esse menosprezo aos productos da intelligencia, eu enviava por vezes, quando me apertavam as saudades do tempo de estudante, algumas folhas para o *Cearense*, e de tudo quanto escrevi, me lembro que uma unica vez encorajou-me a proseguir o Sr. major João Brígido.

Isso no decurso de 1868.

O nosso desenvolvimento intellectual era pois ainda bem insignificante, e se media então pelos artigos dos jornaes politicos quasi sempre eivados de exaggeração partidaria.

Das horas desoccupadas que deixava a faina jornalística aproveitavam-se no entanto o senador Pompeu, o major João Brígido e o Dr. Soares para se applicarem aos estudos de geographia, historia da provincia e lingua vernacula, de que chegaram a publicar livros interessantes, cujos trabalhos não tiveram, como ainda não tem, o devido apreço.

Nisso consistia todo o nosso subsidio ás letras patrias, quando pelo decurso de 1872 regressou a esta capital o estudante R. A. Rocha Lima, que vinha pedir ao clero reparação da saúde alterada nos excessos do estudo.

O moço cearense trazia erudição superior a sua idade, e espirito illuminado aos exultadores da sciencia moderna, avidez insaciavel de devassar os mais difficeis problemas do saber humano, e cheio de confiança no futuro, visto como dentro em pouco recobrará sua debil constituição o confortativo vigor, fez da casa de sua residencia o ponto de reunião para onde affluíam os que despuñham de talento e sentiam-se attrahidos pelo desejo de instruir-se.

Não faltaram adhesões; a seu lado tinham assento o Dr. Thomaz Pompeu Filho, João Capistrano, João Lopes, Araribe Junior, Benjamim Moura, Dr. Mello, Felino e outros, todos moços e não menos enthusias-

tas, que propagaram a supremacia das ideas novas, que ainda não tinham curso entre nós.

Eram os membros da Academia Franceza, como no seio da intimidade se denominavam.

Das discussões passaram ao ensino publico e fundaram a *Escola Popular*, escola nocturna frequentada com grande animação por pobres e operarios.

A's conferencias que então ahi faziam os directores, oppozeram conferencias os velhos catholicos na escola do 2.º grau.

Travou-se luta renhida na imprensa entre a *Tribuna Catholica* e a *Fraternidade*, e si bem que tivesse sido desesperada a resistencia empregada para deter a invasão do ensino livre, triumphou este afinal, augmentando de dia em dia o numero dos adeptos, que vinham participar das vantagens dos vencedores.

Começa-se daqui por diante a notar uma certa orientação nos estudos, que embora vagarosamente e tendo pela frente a indiferença dos ignorantes, se divulgou até 1877, quando a catastrophe da secca, que atrophiou as forças vivas da provincia, trouxe a debandada dos mais valorosos propagadores do nosso desenvolvimento litterario bem fraco por certo ainda.

Rocha Lima já descançava a sombra da morte, mas o seu espirito parece que havia ficado a animar aos que lhe succediam no empenho da lide começada.

Diversos jornaesinhos, redigidos por moços estudiosos, surgiam à luz da publicidade para cederem o logar a outros mais uteis e mais adiantados.

Ricos fructos desse tempo são a fundação do *Gabinete de Leitura* e reforma da instrucção publica, que atiraram incontestavelmente para além a mira das aspirações.

Com o apparecimento da *Sociedade Cearense Libertadora* em 1880, que fez olvidar os estragos da secca pela soffreguidão de que se achavam os consocios possuidos para debellarem o inimigo commum — a escravidão, ninguem pensou mais nos resentimentos despertados por esta ou aquella doutrina, e todos animados do mesmo sentimento, do mesmo zelo, da mesma energia, desdobrando aos quatro ventos a bandeira branca da confraternisação universal, vieram ensaiar as armas de combate nas paginas do *Libertador*, orgam daquella sociedade, que tornou-se em breve uma escola de patriotismo e instrucção.

Abundaram ahi os bons escriptos litterarios, como retemperou-se o ardor dos lutadores de encontro a enraigados preconceitos e ardil do governo.

Quem tinha aptidão, era logo convidado para vir auxiliar a obra da nobilitação da provincia, já com o seu

denodo, já com os encantos da sua intelligencia.

Quatro annos depois, quando entre nós já não existiam escravos, mas todos os homens eram eguaes e com o mesmo direito de estremecerem esta terra, tanto mais infeliz quanto mais amada, alegrava-se a gente de assistir com certa ufania a formação por assim dizer do nosso progresso material e intellectual.

O *Libertador* foi e continua a ser o campo de acção das nossas mais arrojadas operações, pelo que avantejou-se aos demais jornaes politicos na sobrançeria com que enfrenta as mais graves questões da actualidade. Chegou mesmo a fazer valer sua opinião quasi sempre consentanea com as mais seguidas das terras adiantadas.

Os auctores das excellentes publicações que possuímos, tiveram ahi a sua apprendisagem, pois que quasi todos os que se applicam hoje com afincos trabalhos de litteratura ou investigações scientificas aperfeiçoaram-se nesta escola ou se orientaram estimulados por habeis companheiros.

O *Club Litterario*, sociedade mais elevada, que se destingue pela maior somma de conhecimentos dos seus associados em diversos assumptos do saber humano, compõe-se em sua maioria dos redactores e collaboradores do *Libertador*.

Progrredimos, e a prova está na coadjuvação que à *Quinzena* prestam diversas senhoras com os seus bem elaborados trabalhos em prosa e em verso. Outras mais avidas de renome estudam sciencias naturaes e discorrem com habilidade sobre a materia.

Não são somente os laureados no estudo que trazem o seu contingente de instrucção para o jornal, não; já alguns empregados publicos e empregados do commercio aproveitam as horas desoccupadas e auxiliam aquelles na santa cruzada com o consencio valioso do seu penna e seu talento.

Por toda a parte se fundam sociedades com o fim de propagar o ensino entre os socios; possuiue esta capital magnificas bibliothecas particulares, em cujas estantes se encontram os livros mais valiosos e mais modernos da sciencia europea, e não faltam amadores que sondam-lhe os segredos com a avidez de um avaro.

Têm aqui varios assignantes os jornaes estrangeiros, que não importa sejam escriptos em francez, inglez, italiano, allemão etc com tanto que divulguem as descobertas modernas, sobretudo da anthropologia, de cuja solução pendem os mais importantes problemas sobre o homem.

Ao mutismo de outr'ora succede lisongeira tendencia para as publicações.